

RIO DE JANEIRO, RJ, 20 DE JULHO DE 1999

Senhor Vice-Presidente da República, Marco Antônio Maciel; Senhor Governador do Estado do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho; Senhor Reverendíssimo Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Salles; Senhor Ministro da Defesa, Élcio Álvares; Senhoras Ministros de Estado que me acompanham; Senhores Parlamentares; Senhor Comandante da Aeronáutica, Brigadeiro Walter Brauer; Senhor Prefeito do Rio de Janeiro, Luiz Paulo Conde; Senhor Presidente da Infraero, Brigadeiro Eduardo Bogalho Pettengill; Senhoras e Senhores familiares de Tom Jobim; Senhoras e Senhores,

Há pouco tempo, em Brasília, tive a satisfação de receber alguns familiares de Tom Jobim e muitos artistas, ao ensejo da assinatura do projeto de lei que dava a este aeroporto o nome de Antônio Carlos Jobim. E pude expressar, então, a minha satisfação, a minha emoção de ver o Brasil reconhecendo os méritos de um de seus mais criativos filhos.

Hoje, em uma cerimônia singela, diante deste monumento arquitetônico cujas virtudes, já disse o Brigadeiro Brauer, estão mais escondi-

das do que à vista, porque a moderna tecnologia de aeroportos requer uma precisão extraordinária e um conjunto de modos de organizar o espaço que não ficam visíveis, mas que têm um resultado muito positivo para o melhor atendimento dos passageiros, vejo que estamos, realmente, concretizando aquilo que foi uma decisão parlamentar.

O Brasil tem, hoje, seguramente, o segundo maior sistema de aeroportos do mundo. Depois dos Estados Unidos, o Brasil é o País que tem o maior número de aeroportos. Nós, brasileiros, muitas vezes, não sabemos valorizar o que já temos e o que foi construído pelas gerações que nos antecederam e continua sendo construído por todos aqueles que laboram neste país.

São muitos aeroportos. E os que conhecem o país, como o Presidente conhece, sabem que, nas regiões mais remotas, é possível encontrar um apoio infra-aéreo. E isso possibilitou a integração nacional. É verdade que o Brasil dispõe desse imenso sistema aeroportuário, é verdade que continuamos construindo terminais de aeroportos – eu me recordo de vários, nesses últimos anos, apenas para mencionar aqueles aos quais pude estar presente. Estive presente em Curitiba. Estive presente em São Luís do Maranhão. Estive presente em Fortaleza. Assisti à construção de obras também no Rio Grande do Norte, em Recife, e por aí afora, e, agora, aqui no Rio de Janeiro. Vê-se o esforço grande mesmo que este país faz, porque ele sente que sem a existência desse conjunto de bases para os aviões não teríamos condições de prosperar e de nos sentirmos, todos nós, a despeito das distâncias, que são imensas neste nosso país, integrados em uma mesma Nação.

Mas certamente, se pelo número o Brasil avulta quanto aos aeroportos, o fato mesmo de nós estarmos estendendo, e cada vez mais, o Brasil na direção do Centro-Oeste, na direção da Amazônia, faz com que não descuidemos daquilo que, em algum momento, chamei de “o farol do Brasil”, que é o Rio de Janeiro.

E o Rio de Janeiro não poderia deixar não apenas de ter um aeroporto melhor qualificado para receber seus visitantes, mas de continuar simbolizando aquilo que o Brasil tem de melhor. Algo que sempre me impressionou, nos tempos em que eu tinha tempo para andar pelos

museus, foi a entrada do Museu do Louvre. Quando se vai subindo a escadaria – se é que se mantém assim, não sei –, se vê a Estátua da Vitória de Samotrácia, que marca aquela presença de outra civilização incrustada ali, em Paris.

O Brasil, da mesma maneira, precisaria ter, como tem, aqui no Rio de Janeiro, a imagem do Cristo Redentor, que não é a Vitória de Samotrácia – é mais do que ela: os braços estão abertos e estão inteiros, não são as asas partidas –, simbolizando um país que recebe, de braços abertos e com amor, aqueles que aqui aportam.

Mas o Rio tinha que ter também a complementação – e o Brigadeiro Brauer mencionou as duas. Não apenas esse símbolo, que é o Cristo Redentor, mas tinha que ter também marcos físicos que mostrassem o que somos como civilização, como criatividade. E o Brigadeiro Brauer assinalou, com razão, que aqui temos, hoje, dois nomes que representam bem esse espírito: Santos Dumont, que é o aeroporto das viagens nacionais, mas que marca a presença daquele que foi o grande inovador na aviação no mundo e hoje é cultuado por nós, mas não só por nós, como, realmente, um precursor daquilo que veio a ser esse grande desenvolvimento. E agora, com o Aeroporto Antônio Carlos Jobim, nosso Tom Jobim, mostra as asas da nossa imaginação.

Se é verdade que Santos Dumont foi capaz de imaginar a possibilidade de o mais pesado do que o ar alçar aos céus, se é verdade que o Rio de Janeiro tem no Cristo Redentor a sua inspiração máxima, é também verdade que o Rio de Janeiro foi expresso, melhor do que ninguém, por Antônio Carlos Jobim. A música dele, nos versos que fez, a imaginação dos cariocas mostram ao Brasil e ao mundo o que é sensibilidade e como essa sensibilidade é capaz de tocar-nos a todos.

Se alguma coisa nos emocionou recentemente – e muitas nos têm emocionado –, foi Fernanda Montenegro quando, estando nos Estados Unidos, disse que ela era a velha senhora de Ipanema – “*the old lady of Ipanema*”. Uma pessoa como Fernanda Montenegro nunca é velha, é sempre moça. Mas ela se recordou do espírito de alguém que também não vai morrer nunca, que será sempre moço, Antônio Carlos Jobim.

Antônio Carlos Jobim representa para nós, brasileiros, essa perpetuidade de um espírito de amor, de um espírito de compreensão, de ternura, de uma certa irreverência e de uma presença discreta, mas constante.

Não podia o Rio de Janeiro ter nome melhor para o seu aeroporto do que o nome de Antônio Carlos Jobim.

São essas as razões, mais do que suficientes, pelas quais nós, hoje, estamos todos aqui, numa tarde jubilosa, para dizer que o Brasil continua grato àqueles que estão fazendo dele uma grande Nação. E, certamente, Antônio Carlos Jobim é um dos melhores filhos do Brasil, um dos homens que mais marcaram o País, no Brasil e no mundo. E agora o seu nome estará escrito para sempre neste aeroporto, que vai continuar significando, para os que aqui aportam, o carinho, o amor e a capacidade de termos sempre os braços abertos para receber os que aqui vêm nos ver. E ao ver-nos, hão de se encantar com a beleza do Rio.

Muito obrigado.